

# Daniel Bensaïd, uma política do oprimido: da atualidade da revolução à aposta melancólica\*

Darren Roso\*\* e Fabio Mascaro Querido\*\*\*

## Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar alguns aspectos da obra e da trajetória política de Daniel Bensaïd, em particular à luz da noção de crise revolucionária, da virada histórica dos anos 80 e da influência de Walter Benjamin na reflexão teórica bensaïdiana. Para tanto, são considerados fundamentalmente textos de Daniel Bensaïd, desde sua juventude até a sua maturidade, e os contextos que atravessaram sua trajetória. O modo como retoma a herança revolucionária permitiu a Bensaïd estabelecer as bases para uma atualização do marxismo, desempenhando uma função de ponte entre a tradição do marxismo clássico, do marxismo ocidental e de um marxismo que poderia ser chamado de aberto.

**Palavras-chave:** Daniel Bensaïd; marxismo; estratégia; revolução.

---

\* Tradução de Pedro Barbosa. Texto originalmente publicado em francês sob o título “Daniel Bensaïd, une politique de l’opprimé. De l’actualité de la révolution au pari mélancolique”. Disponível em: <http://revueperiode.net/daniel-bensaïd-une-politique-de-lopprime-de-lactualite-de-la-revolution-au-pari-melancolique/>

\*\* Pesquisador independente, Melbourne, Victoria, Austrália. Autor de uma série de artigos comentando a obra e a trajetória de Daniel Bensaïd, dentre os quais destacamos “Confronting the Triple Crisis of the Radical Left” (Historical Materialism, 2018) e “Daniel Bensaïd (1946-2010)” (Routledge Handbook of Marx and Post-Marxism, 2021).

\*\*\* Pós-doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil. Bolsista FAPESP. Autor de *Michael Löwy - marxismo e crítica da modernidade* (Boitempo, 2016) e de *Daniel Bensaïd: intelectual em combate* (Fino Traço, 2022, prelo). End. eletrônico: [fabiomascaro@yahoo.com.br](mailto:fabiomascaro@yahoo.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1648-5615>.

# Daniel Bensaïd, a politics of the oppressed: from the actuality of the revolution to the melancholic wager

## **Abstract:**

The objective of this article is to analyze some aspects of Daniel Bensaïd's work and political trajectory, particularly in light of the notion of revolutionary crisis, the historical turn of the 1980s and Walter Benjamin's influence on Bensaïdian theoretical reflection. To this end, what is fundamentally considered are Daniel Bensaïd's texts, from his youth to his maturity, and the contexts that crossed his trajectory. The way he takes up the revolutionary heritage allowed Bensaïd to establish the bases for a renewing of Marxism, playing a bridging function between the tradition of classical Marxism, Western Marxism and a Marxism that could be called open.

**Keywords:** Daniel Bensaïd; Marxism; strategy; revolution.

## **A crise revolucionária no jovem Bensaïd**

Em seu percurso político e intelectual, notadamente nas duas últimas décadas, Daniel Bensaïd construiu uma obra qualitativa e quantitativamente imensa, o que torna particularmente difícil saber por onde começar. É possível encontrar em Bensaïd um *leitmotiv* que nos permita compreender o “fio condutor” que daria conta da evolução de um trabalho intelectual, como recomendava Gramsci? Em nossa visão, este “fio vermelho” que atravessa o pensamento de Bensaïd é a reflexão sobre a noção de crise revolucionária e as possibilidades de um acontecimento capaz de quebrar o círculo vicioso do fetichismo da mercadoria e da reprodução do capitalismo. Através da noção de crise, o trabalho de Bensaïd começa e recomeça nos ciclos de seu próprio engajamento revolucionário. O objetivo deste ensaio é analisar alguns aspectos da obra e do percurso político de Daniel Bensaïd à luz da noção de crise revolucionária, que apesar de suas transformações sempre permaneceu uma noção central no pensamento do filósofo e militante revolucionário.

Para Bensaïd, a noção de crise revolucionária é um conceito estratégico para pensar uma política do oprimido. A respeito disso, constata-se um enriquecimento permanente desta noção. É preciso dizer: uma realidade viva não se deixa reduzir a uma noção ou a um conceito, que têm sempre um caráter aproximativo. Existe, no entanto, no trabalho de Bensaïd, vários elementos de continuidade em torno da noção de “crise revolucionária”. A importância da reflexão sobre a temporalidade e sobre a primazia do presente na elaboração de uma semântica histórica só é compreensível a partir da noção de crise revolucionária e, após 1990, da categoria filosófica de acontecimento. Em ruptura com as abordagens ontológicas ou estruturalistas da crise, a dialética da atualidade e da possibilidade se apoia, em Bensaïd, em uma articulação original de Hegel, Marx e Benjamin. A noção de crise revolucionária está ligada ao campo de possibilidades do presente; ela repousa sobre

uma concepção radicalmente imanente da política como o instante em que se abre a possibilidade de sua irrupção. Esta imanência será o coração da “aposta melancólica” de Bensaïd, tal como formulada entre os anos 1990 e 2000.

Em 1968, imediatamente após os acontecimentos de maio-junho, Daniel Bensaïd escreve seus primeiros trabalhos sobre a noção de crise revolucionária. Trata-se de sua dissertação de mestrado em filosofia, realizada sob a orientação de Henri Lefebvre em Nanterre<sup>1</sup>. Sob a pressão dos debates políticos e intelectuais da época, Bensaïd considera a noção de crise revolucionária em Lênin como uma figura de abertura histórica, contra o “imobilismo” e a “ordem” teorizada pelos estruturalistas. Ademais, o texto se integra nos debates da extrema esquerda francesa, notadamente nos debates em torno da futura fundação da *Ligue Communiste* (LC) em 1969.

Como dirá mais tarde Daniel Bensaïd, este texto constituía

uma espécie de plano de fundo teórico aos vivos debates, então em curso, na perspectiva do congresso de fundação da *Ligue Communiste* que iria ocorrer em Mannheim em abril de 1969 [...]. O debate de fundação da *Ligue Communiste* iria, em larga medida, na contracorrente das ilusões líricas do momento, em um contexto em que o mao-espontaneísmo, principalmente representado pela efêmera *Gauche Prolétarienne*, era dominante na extrema esquerda. Nós tomamos a sério a nossa fórmula de Maio de 68 como “ensaio geral”, uma espécie de revolução de fevereiro da qual deveríamos preparar seriamente o outubro [...]. Sem dúvida essa vontade era exacerbada pelo sentimento de iminência de uma revolução europeia. (Bensaïd, 2008, s/p)

Neste texto, Bensaïd evoca pela primeira vez uma preocupação que, sob diferentes formas, estará presente em todo seu percurso. Em 2001, escreve:

Redigido no fogo do acontecimento, esta dissertação de mestrado fornece o material para intervenções diretamente polêmicas nos debates apaixonados do outono de 1968 e do ano de 1969, durante os quais as diferentes correntes da esquerda extraparlamentar esforçavam-se para definir sua fidelidade ao acontecimento. Tive a surpresa de constatar que, mais de trinta anos depois, a discussão sobre os filósofos da resistência e do acontecimento, no contexto da restauração liberal, me reconduzia aos mesmos questionamentos sobre a noção de crise estratégica. Ela foi objeto de *Résistances. Essai de taupologie générale*. As questões colocadas nos anos 60 sobre as relações entre história e estrutura, historicidade e acontecimento, equilíbrio e crise, objeto e projeto, classe e

---

<sup>1</sup> Para encontrar esta dissertação de mestrado e muitos outros textos aqui citados, consultar: <http://danielbensaid.org>

partido, social e político jamais me deixaram. (Bensaïd, 2001a, s/p)

Desde o início, a noção de crise revolucionária é empregada por Bensaïd para exprimir o momento de ruptura na continuidade, o instante de abalo da ordem estabelecida. Como sair do círculo infernal da reprodução capitalista? Dito de outro modo, como encontrar a passagem, a “porta estreita” pela qual poderia surgir o “messias intempestivo” – como ele diria mais tarde sob a influência de Benjamin? Além disso, como articular o acontecimento revolucionário e suas determinações históricas? Em seus primeiros escritos, Bensaïd se apoia sobre as definições de crise revolucionária de Trotsky e Lênin (especialmente em *A falência da II Internacional*), onde ela aparece em sua concepção mais precisa. Seguindo os critérios enunciados por Lênin, Bensaïd afirma que a situação revolucionária se caracteriza por: 1. “A impossibilidade das classes dominantes manterem sua dominação da mesma forma” [...]. “Que a base não quer mais viver como antes e que o topo não o pode mais”. 2. “O agravamento, mais do que o habitual, da miséria e do sofrimento das classes oprimidas”. 3. “O aumento da atividade das massas” (Bensaïd, 1968, s/p).

Entretanto, diferentemente da crise, a situação revolucionária não significa por si só a irrupção de um acontecimento revolucionário. Este depende também, e acima de tudo, da intervenção da subjetividade revolucionária:

A revolução não surge de toda situação revolucionária, mas somente no caso em que, a todas as transformações objetivas enumeradas, acrescenta-se uma transformação subjetiva, a saber: a capacidade, no que diz respeito à classe revolucionária, de conduzir ações de massa bastante vigorosas para quebrar completamente o antigo governo, que não cairá jamais, mesmo em períodos de crise, se não o fizermos cair. [...] [É a vanguarda revolucionária] a condição última do desenlace da crise, aquela que combina os diversos elementos em uma conjuntura propícia, é a própria ação do sujeito. (Bensaïd, 1968, s/p)

Tratava-se de uma leitura da crise e do acontecimento revolucionário que reivindicava fortemente os escritos do jovem Lukács, especialmente em de seu *História e consciência de classe e Lênin*. Segundo o filósofo comunista húngaro, a crise da formação social se torna uma crise revolucionária quando uma subjetividade se levanta diante da objetividade do capital e do Estado. Para Lukács (apud Bensaïd, 1968, s/p): “apenas a consciência do proletariado pode mostrar como sair da crise do capitalismo; enquanto esta consciência não comparece, a crise permanece permanente, retorna a seu ponto de partida e repete-se a situação”. Assim, a “diferença qualitativa entre a ‘última crise’ do capitalismo, sua crise decisiva, e as crises anteriores” se manifesta no momento em que o proletariado “deixa de ser

simples objeto da crise e se desdobra abertamente o antagonismo inerente à produção capitalista” (apud Bensaïd, 1968, s/p).

É para desenvolver esta hipótese que Bensaïd retoma então por sua conta a dialética do “em-si” e do “para-si”, isto é, a dialética entre um sujeito teórico “tão abstrato quanto ausente (o proletariado tal como ele se inscreve logicamente na estrutura do modo de produção)” e o sujeito prático que constitui sua vanguarda, que encarna “não o proletariado em si, dominado economicamente, politicamente e ideologicamente, mas o proletariado ‘para-si’, consciente do processo de produção e reprodução em seu conjunto e de seu próprio lugar neste processo”. Esta dialética era profundamente ambígua, e Bensaïd retornará de modo bastante crítico a esta sua elaboração em seus trabalhos posteriores. Mas isto não invalida a intuição importante que existia neste texto precoce.

Para o Bensaïd dos anos 90, tratava-se de uma dialética forçada e sem mediação: “Havia lá o fundamento teórico de um voluntarismo político exacerbado e de uma política que seria necessário qualificar de esquerdista. A noção de crise revolucionária permitia, de fato, reconciliar em uma epifania histórica o sujeito prático com seu fantasma teórico”.

Após a dissolução da LC em 1973 e a formação da LCR em 1974, Daniel Bensaïd será novamente um dos teóricos da linha política então adotada pela Liga, menos “substitucionista” e menos baseada no partido concebido como “falange da história”, e mais voltada para as “modalidades de sua construção em relação ao desenvolvimento da consciência de classe”. Esta mudança de perspectiva política coincidia com o primeiro giro da LCR em direção à frente única, assumida quando do primeiro congresso da organização, em dezembro de 1974, tendo em vista os limites de sua implantação nas fábricas. A aposta central da LCR se torna então a conquista, ao encontro dos reformistas, do que o X Congresso da IV Internacional, ocorrido em 1974, chamou de “vanguarda de trabalhadores ampla”.

Totalmente em sintonia com esta nova perspectiva, que compreendia os grandes desafios da esquerda extraparlamentar, o livro *La Révolution et le pouvoir* foi publicado em 1976 e representou para Bensaïd a realização de uma reflexão sobre as complexidades da transição ao socialismo, jogando luz sobre as questões ligadas à construção de uma nova hegemonia antes e após e a ruptura revolucionária, especialmente (mas não apenas) em se tratando de países do “centro” do sistema. “A primeira revolução proletária deu sua resposta ao problema do Estado”, escreve Bensaïd (1976, p.7) na abertura do livro. “Sua degeneração nos lega o do poder. O Estado deve ser destruído, sua maquinaria, quebrada. O poder, desfeito, em suas instituições, suas

ancoragens subterrâneas (a divisão do trabalho, especialmente). Como a luta pela qual o proletariado se constitui em classe dominante pode, apesar da contradição aparente, contribuir para isso?” (Ibidem) . De acordo com Bensaïd, o partido de vanguarda é sempre a ferramenta através da qual o proletariado pode superar a “força da ideologia dominante” que lhe empurra em direção ao reformismo: “Apenas uma minoria, uma vanguarda, pode se erguer acima do horizonte que constitui a produção mercantil generalizada pelo capitalismo; e a maioria só pode alcançar esta visão de seus próprios interesses históricos gerais em situações de crise, de rupturas, de perturbação da ordem estabelecida” (Bensaïd, 1976, p.31).

Assim, tal como ele havia escrito em sua dissertação de mestrado, ou no artigo da revista *Partisans* em 1968/9 (escrito com Sami Naïr), só o partido pode fornecer uma saída vitoriosa à crise revolucionária, através da tomada do poder político. Mas, em *La Révolution et le pouvoir* (e em outros textos políticos de Bensaïd deste período), a atenção às modalidades da dominação e da construção da consciência de classe, assim como ao peso das direções reformistas, impõe uma concepção mais nuançada, por assim dizer, da preparação para a tomada de poder, seguindo as evoluções dos quatro primeiros congressos da III Internacional. Para Bensaïd, os desafios estratégicos da LCR na metade dos anos 70 eram semelhantes aos da III Internacional: após um período esquerdista que se seguiu a outubro de 1917 (comparado aqui com a euforia revolucionária do pós-68), o terceiro e quarto congressos – este tendo sido decisivo – marcaram um giro na III Internacional, colocando em curso a tática da frente única e do governo de trabalhadores. Mesmo que, após 1968, a LC tenha atravessado um período esquerdista, em que o partido se considerava como a tradução consciente de um movimento inconsciente já em curso e à espera da próxima crise, havia chegado o momento, com a formação da LCR em 1974, de reforçar suas perspectivas estratégicas. Este papel chave da política de frente única na preparação subjetiva da classe trabalhadora para a conquista e exercício do poder, em sua capacidade de propor uma alternativa social e política, se tornou o centro da estratégia política de Bensaïd.

### **Os “sombrios anos 80” e a virada histórica: da “atualidade da revolução” à “esquerda do possível”**

Esta posição, ancorada nas esperanças da atualidade da revolução na Europa (e de sua iminência), começa a ser questionada a partir da metade dos anos 70 e sobretudo nos anos 80. A perspectiva de uma crise revolucionária iminente não

estava mais na ordem do dia. Nos “sombrios anos 80”, a questão era outra: a revolução ainda é possível, “ainda é desejável”, como se perguntava Michel Foucault desde o fim dos anos 70? Sem esta perspectiva revolucionária iminente, era preciso se decidir por uma “lenta paciência”, a resistência ao ar dos tempos.

Em Bensaïd, a noção de crise permanece, nos anos 80, 90 e 2000, uma noção chave da reconstrução de um projeto revolucionário. Entretanto, o filósofo e militante muda seu modo de abordá-la. Da “atualidade da revolução” inspirada em Lukács, passa-se então à “esquerda do possível”, influenciada por Walter Benjamin. Em uma entrevista, Bensaïd declarava que:

De nossa parte, estamos confrontados com um problema diferente. Atualidade da revolução? Sem dúvida, sob a condição, entretanto, de tomar esta atualidade no sentido benjaminiano de possível e não de necessidade. Isto é, realmente como uma tarefa e não como uma predição. A barbárie, infelizmente, não tem menos chances do que o socialismo. (Bensaïd, 1990b, s/p)

A partir da metade dos anos 80, a “descoberta” dos trabalhos de Benjamin representou um momento muito importante do percurso político e intelectual de Bensaïd, até mesmo decisivo. Através destas reflexões, conseguiu “manter a todo custo aberta a porta estreita por onde pode passar o messias”. A descoberta de Walter Benjamin representa então o que restou das esperanças dos anos 60 e 70, agora sob uma aparência “messiânica”: é a irrupção, a brecha, o acontecimento, a “porta estreita” por onde pode, a qualquer momento, entrar o possível. É o senso do virtual oposto ao senso resignado do real. É a liberdade dos fatos não realizados oposta à ditadura do fato consumado. Em sua interpretação filosófica do mundo de baixo, Bensaïd buscou reabilitar o acontecimento revolucionário. Sua reabilitação do acontecimento se opõe a todas as formas de determinismo mecânico

Penso que, de um ponto de vista marxista, pode-se reabilitar a plenitude e a complexidade do acontecimento. Ninguém era obrigado a construir a primeira barricada ou jogar/lançar o primeiro ladrilho, mas não se está mais em um campo do arbitrário histórico. Deve-se passar, isto que é uma banalidade nas mentalidades de hoje, incluindo a visão das ciências, de uma interpretação mecanicista da história – não creio, aliás, que ela exista em Marx – a uma interpretação probabilística que reconhece a parte do aleatório [...]. Isto quer dizer que há determinações pesadas, que elas existem. Mas elas só determinam um campo de possibilidades efetivas. Nem tudo é possível, mas tudo o que acontece não era a única hipótese possível. (Bensaïd, 1989, s/p.)

Esta espera messiânica baseada na possibilidade do acontecimento é uma condição indispensável para acolher novos possíveis. Esta espera é tão mais necessária quanto corresponde à novidade radical da revolução dos trabalhadores em relação às revoluções burguesas que a precederam: como uma classe que sofre uma dominação em todas as esferas pode reverter a situação e se colocar como candidata ao poder político e à reorganização do conjunto da sociedade?

Para Bensaïd, era necessário responder a esta questão sem recair, entretanto, em uma metafísica do sujeito com sua dialética duvidosa. Era necessário então destacar a dimensão estratégica do problema, ligado às contingências da luta política e não a uma determinação “ontológica” pressuposta. Em Daniel Bensaïd, esta centralidade da estratégia permanece sempre vinculada ao pensamento político de Lênin, mais precisamente à noção de crise revolucionária, cujo objetivo é analisar o momento em que o sistema de dominação é abalado, abrindo a possibilidade de uma saída revolucionária, que depende, em última instância, das relações de força e da capacidade de mobilização, implantação e decisão das ferramentas de luta política das classes subalternas.

Em uma perspectiva revolucionária, o proletariado em seu conjunto, e em primeiro lugar suas grandes concentrações, permanece a única força social capaz, por seu papel central nas relações de produção, de unificar as reivindicações setoriais ou categoriais de outras camadas sociais, de lhes impedir de degenerar em revoltas corporativas e de lhes dirigir no caminho da luta pelo poder e da tomada dos meios de produção pelos próprios produtores [...]. As explosões de trabalhadores existem, se repetem, e o capitalismo não pôde evitá-las após mais de um século. É um fato teimoso, cujo retorno se inscreve na estrutura mesma das relações de produção capitalistas. A partir disso, a questão não é se desesperar porque a classe trabalhadora não é cotidianamente revolucionária (outros já constataram isso), mas buscar em quais circunstâncias excepcionais ela pode se tornar, e como se preparar e contribuir para isso. (Bensaïd, 1986, s/p)

Até meados dos anos 80, a defesa da primazia da política e da estratégia não estava acompanhada, em Bensaïd, de uma elaboração filosófica da categoria de tempo, especialmente no que concerne ao tempo quebrado da política. Esta reflexão resulta de sua “descoberta” dos trabalhos de Walter Benjamin, autor que inspirou fortemente suas formulações sobre a “discordância dos tempos”, onde a política desempenha um papel primordial, pois é quem marca a interrupção do curso “normal” da história. O encontro com Benjamin abriu para Bensaïd um novo universo filosófico (Péguy, Blanqui), o que o ajudou a retornar de um outro modo a Marx e Lênin – especialmente, no caso deste último, sobre a temporalidade quebrada da crise revolucionária e da política em geral. A incorporação do



pensamento de Benjamin colocava na ordem do dia a reelaboração de uma dialética do tempo histórico em todas as suas consequências.

Como dissemos, a “virada” benjaminiana chega em Bensaïd no curso de uma transformação substancial do contexto histórico e político. Desde o fim dos anos 70, com a derrota política da esquerda revolucionária, o impulso de 68 começa a ser quebrado: as derrotas das lutas sociais dos anos 80 na Europa – a siderurgia na França, a grande greve dos mineiros britânicos em 84-85, a luta sobre a escala móvel de salários na Itália em 85 – só confirmaram esta tendência. Em uma certa etapa de seu engajamento militante e intelectual, Bensaïd “teve necessidade da contribuição destes autores [principalmente de Benjamin] para construir seu próprio argumento” (Löwy, 2012, p.23). Em *Contribution à un débat nécessaire sur la situation politique et notre projet de construction du parti*, Bensaïd (1986, s/p) escrevia:

Nos encontramos em uma situação de transição no interior mesmo do movimento de trabalhadores, uma situação de “não mais” e “ainda não”, entre um ciclo histórico que se encerra e um novo que apenas começa [...] Em uma situação como essa, temos uma tarefa insubstituível a cumprir [...] na contracorrente dos discursos devastadores sobre a modernidade, estamos profundamente convencidos que não haverá renascimento possível sem tradição e memória [...]. Pela primeira vez na sua história, nossa geração deve aprender a estar na contracorrente e a se equivocar. Podemos, assegurando uma continuidade, entrar nas próximas lutas com um capital militante acumulado.

No fim dos anos 80, a queda do Muro de Berlim e o colapso da URSS concluíram esta virada histórica, consolidando uma atmosfera mais favorável à ofensiva neoliberal. O colapso do stalinismo dispara o sinal de alarme de uma crise histórica do movimento de trabalhadores. Com a queda do Muro de Berlim, a reunificação e a desintegração da União Soviética, “nos encontramos em uma estranha transição, em uma espécie de vazio da transmissão histórica, em busca de nossa ‘passagem noroeste’. É um problema a se resolver”. O encontro com Benjamin se deu neste momento histórico bastante particular. Durante muito tempo, a política permaneceu subordinada a uma forma ou outra de juízo final; a hipótese de uma finalidade histórica foi agora consideravelmente enfraquecida.

### **Walter Benjamin e a temporalidade messiânica**

Com Benjamin, Bensaïd reforça a ideia de um presente que não é um simples ponto de passagem, mas a categoria central da política radical, o momento em que se torna possível interromper o curso para a catástrofe, em que, como diria o filósofo alemão, “o pensamento se imobiliza em uma constelação saturada de

tensões” (apud Bensaïd, 1990a, p.91). Em outros termos, é o momento em que a teoria pode se tornar uma “arma” ao se inscrever em uma reflexão estratégica. Nesta concepção, “passado e futuro são inseridos no campo estratégico do presente” (Benjamin, 1990a, p.227). Em Bensaïd, como ele mesmo afirma, “se desenha assim um dispositivo em que se sistematiza a categoria do presente como tempo específico da ação política e a noção de crise como nó de temporalidades discordantes onde surge a possibilidade acontecimental de transformação” (Bensaïd, 1990a, p.43). Compreendido “como encruzilhada, bifurcação, cruzamento dos possíveis”, o presente da política “quebra o encadeamento de um passado predestinado e um futuro programado para redistribuir o sentido do passado e do futuro” (Bensaïd, 1990a, p. 245).

Assim, sob a inspiração de Benjamin, Bensaïd elabora a noção de “razão messiânica”, crucial para pensar a abertura do possível na história. A crise revolucionária se torna, então, o momento da irrupção messiânica – ao inverso das leituras economicistas d’*O capital* e de suas crises periódicas. Em vez de ser inerte, abstrato e uniforme, o tempo da política e da razão messiânica é concreto, articulando-se com o “tempo imanente ao movimento do capital, que esconde seus ciclos e pulsações”. Segundo Bensaïd, “a crise econômica só está ligada algebricamente ao acontecimento político da crise revolucionária. Ela convoca a se conceber uma nova causalidade, não mecânica, que opera no sentido de uma redução e não de uma abolição do acaso. Ela nasce da troca generalizada e da reprodução em vista da troca” (Bensaïd, 1990a, p.215). Em seus primeiros trabalhos sobre a crise revolucionária, Bensaïd apoiou-se em sua leitura de Georg Lukács – a dialética do em si e do para si – para articular a crise econômica e a consciência de classe. Em sua fase benjaminiana, a irrupção messiânica está ligada algebricamente à crise econômica. A crise revolucionária não é o resultado mecânico da degradação das condições econômicas. Não se trata de um processo automático, nem uma expressão do tempo uniforme.

Eis o que é próprio da discordância dos tempos e, para além do anti-economicismo, a nova compreensão da crise revolucionária rompe também com as sereias do obreirismo. Para Bensaïd, deve-se resistir à tentação de ligar o destino do proletariado ao seu “ser”, como em uma célebre passagem do jovem Marx ainda marcado pela influência de Feuerbach: “Pouco importa o que este ou aquele proletário, ou mesmo todo o proletariado, imagina momentaneamente como fim. Trata-se do que o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente de acordo com o seu ser” (Marx, 2003, p.49). Este postulado ontológico não pode resolver o enigma da emancipação: como a classe trabalhadora pode passar de nada para tornar-se tudo? É aqui que um projeto estratégico é necessário. No fim das contas, a história é o “material de um saber político, o da classe combatente e oprimida. O sujeito do conhecimento é a classe, não sociologicamente inerte,

mas determinada por uma relação de opressão e de revolta [...] Teoria e prática se conjugando na mesma subjetividade partidária” (Bensaïd, 1990a, p.80).

Desde então, não é mais preciso contar com a dialética do em-si e do para-si para pensar o papel do partido, ao qual o filósofo e militante permanecerá solidamente vinculado – uma política sem partidos é uma política sem política, dizia. Este é um ponto de discordância importante com Alain Badiou. Como declara Bensaïd em um texto póstumo, estabelecido sobre a base de notas tardias:

De acordo em um ponto. A importância do partido, de um outro ponto de vista, mediato, para escapar do círculo vicioso da reificação e da consciência alienada, que vai de par com o desenvolvimento de um pensamento estratégico, de intervenção e de decisão, e não de objetivismo cientificista. Mas não é necessário, para isso, recorrer à metafísica da consciência de classe "encarnada na política do partido", à ontologia proletária do em-si e do para-si. É suficiente pensar o devir real de uma pluralidade de formas emergentes, de atores e agenciamentos sem grande sujeito. Não relativizar, entretanto, o papel do partido como meio necessário para visar à totalidade, para além das particularidades fechadas e das tentações corporativistas. Um partido estrategista, que não é necessariamente uma vanguarda, mas uma peça mestra do quebra-cabeças estratégico”. (Bensaïd, 2013, p.80)

Em Bensaïd a estratégia messiânica busca, “em cada conjuntura, decifrar o raio dos possíveis, formular os termos de uma escolha, pesar as condições de uma decisão, sem jamais se resignar ao que foi produzido como se fosse o único resultado possível de uma lei implacável da história, e o único desenlace possível de uma situação determinada”. Cada conflito político e cada enfrentamento implica a necessidade de uma estratégia política.

Tanto um como outro, Péguy e Blanqui são associados a esta visão estratégica infundida de messianismo. Por que associar esses dois personagens em uma visão estratégica? Para o messianismo de Benjamin, cada época é investida de uma fraca força messiânica, na qual existe “a irreduzível responsabilidade humana [que] não é solúvel nas águas oleosas de uma história em sentido único”. Péguy encarna o militante que rejeitou a dissolução da responsabilidade humana (estratégica) no sentido da história. Em relação à Blanqui, através dele “e de suas bifurcações estratégicas, uma outra concepção das relações entre história e acontecimento, regra e exceção, repetição infernal do mesmo e irrupção messiânica do possível toma forma” (Bensaïd, 2001a, s/p).

Paralelamente à importância de Blanqui e Péguy, o messianismo não pode ser separado da noção de tempo em Bensaïd: os tempos messiânicos são tempos desajustados, em que uma ordem se quebra sem que uma outra tenha ainda tomado forma. Para Bensaïd, a temporalidade própria da política é efetivamente a de um tempo quebrado, e se o partido é nela “o vetor privilegiado desta experiência especificamente política”, ele é apenas o elo que faz a mediação entre a estratégia e a tática, “em um tempo kairótico”. O partido é uma espécie de operador estratégico, a caixa de velocidade capaz de articular o tempo político do acontecimento e o tempo histórico do processo.

Quando Bensaïd encontrou a obra de Benjamin em meados dos anos 80, o problema do tempo quebrado da política podia se desenvolver sobre uma base mais sólida: o círculo vicioso da mercadoria não pode ser rompido a partir de uma temporalidade uniforme. A política parlamentar só conhece uma dimensão temporal, a do encadeamento monótono das sessões e legislaturas. Por outro lado, “ocorre que meses de revoluções educam melhor e mais completamente os cidadãos do que dezenas de anos de marasmo político” (Lênin, apud Bensaïd, 2000, p.189). O pensamento de Lênin é a elaboração de uma temporalidade própria da política: “Ela culmina na compreensão das crises, das guerras, das revoluções, do momento decisivo” (Bensaïd, 2000, p.186).

O tempo quebrado é pensado à luz da noção de “dialética da totalidade concreta”, compreendida como uma totalidade “aberta” com suas múltiplas mediações, em oposição à totalidade fechada e abstrata dos “modos de produção” promovida por um marxismo dogmático. Trata-se de uma ferramenta metodológica que, segundo Bensaïd, permite compreender os contratempos ou a discordância dos tempos. Daniel Bensaïd não inventou esta noção; antes dele, a noção de contratempo já existia em Marx, Proust ou Ernst Bloch, com sua concepção da “não-contemporaneidade”.

É necessário adicionar neste momento que, em Bensaïd, este apego à noção de discordância dos tempos, articulada a um pensamento dialético da totalidade, revela a dimensão hegeliana de seu pensamento – um hegelianismo também *sui generis*, fundado em uma imanência radical.

### **A dialética entre acontecimento, política e história: em busca de uma “nova imanência”**

Aos olhos de Bensaïd, um dos problemas históricos do marxismo francês – fortemente influenciado por um discurso positivista e stalinista – foi a ausência de tradição dialética. É esta tradição que Bensaïd tentou redescobrir, na esteira do que Gramsci designava sob o termo de “nova imanência”. De acordo com Bensaïd, a retomada da tradição dialética do marxismo impõe um retorno sobre a relação entre Marx e Hegel em torno das noções de lei e causalidade. A dialética hegeliana

(bastante importante para o desenvolvimento do pensamento político de Lênin no curso dos anos de guerra) está então estreitamente ligada ao projeto de elaborar uma “razão messiânica”, especialmente na articulação entre a possibilidade e a atualidade. Para Hegel, a “atualidade” (que se pode traduzir ainda por “efetividade”) era uma das categorias mais importantes de sua filosofia. Como escrevia Bensaïd: “O conceito fundamental do materialismo histórico não é o de progresso, mas o de atualização. Atualização dos potenciais. Bifurcação do presente. Decisão” (Bensaïd, 1990a, p.69). “Os saltos, os saltos, os saltos!”, como escrevia Lênin em seus *Cadernos* à margem da *Ciência da Lógica* de Hegel: a dialética de Hegel é uma exploração filosófica do concreto vivo e não do uniforme abstrato.

A dialética em Bensaïd não recai na teleologia histórica que caracteriza certas leituras de Hegel; para ele, a história se apresenta mais sob o signo de uma imanência radical e profana, na qual só se pode prever a luta, e não seu desenlace. Em si mesma, a história não faz nada. Para Bensaïd, esta imanência radical era aquela da obra de Marx, enquanto “reconstrução do tempo completamente imanente às relações sociais”. É, com efeito, nas relações sociais que se criam os ritmos e temporalidades”. Trata-se então, em Marx, de uma recusa das filosofias especulativas, e não de toda a filosofia.

Este imperativo da imanência, “de não retroceder diante da fragilidade humana, histórica e política do juízo”, sem apelar aos fetiches transcendentais como a História ou a Humanidade, isto é, sem o reconforto teológico da origem e do fim, é central em Bensaïd e explica tanto sua afeição pela obra de Spinoza quanto sua leitura de Benjamin, baseada na noção de “política profana”. A política e o acontecimento revolucionário enlaçam “o repentino do ato que quebra o tempo (a interrupção benjaminiana da catástrofe) à duração processual da reconstrução”. Um processo revolucionário articula continuidade e descontinuidade, ruptura e movimento.

Não é fácil resistir aos encantamentos transcendentais, ou, dito de outro modo, “agarrar-se à imanência”, sobretudo após as derrotas, que não faltaram: “As contradições explodem do interior. E a política consiste em se instalar ali para lhes conduzir a seu ponto de ruptura e de deflagração”. Mas isso permanece sendo a chave de uma política efetivamente “profana”. Em Bensaïd, esta imanência radical assume a forma de uma aposta melancólica, enquanto atualização sempre recomeçada dos possíveis (Bensaïd, 1997). Por que Bensaïd via a necessidade de problematizar o sentido da imanência? Porque, para ele, as derrotas indicam que a história pode ser permanentemente reinterpretada, rememorada. Imanente, a política profana em Bensaïd não hesita em assumir sua dimensão estratégica, ligada à busca das possibilidades *efetivas* que nas quais se dá o acontecimento, ao encontro do círculo vicioso do fetichismo e de sua servidão involuntária. Segundo Bensaïd, é necessário, “para vencer o sortilégio da mercadoria, um relâmpago, o encontro repentino entre uma oportunidade e uma vontade, sua fusão propriamente acontecimental, a conjugação entre circunstâncias e a consciência, que Lênin resume

pela equação da crise (revolucionária) e do partido”. A razão estratégica que busca quebrar o círculo vicioso do capital é melancólica porque trata-se sempre de uma aposta irreduzível “na improvável necessidade de revolucionar o mundo” (Bensaïd, 1997b, p.297).

Para Bensaïd, a revolução não é solúvel na hegemonia ou no processo. A classe dominante não se deixará jamais ser expropriada gradual ou pacificamente. Nenhuma experiência revolucionária ocorreu sem um enfrentamento entre duas formas de poder alternativo. Um momento de decisão chega sempre, no qual o poder “deve virar de um lado ou de outro”. Não há nenhuma saída fatalista para este choque. É preciso apostar sobre o resultado. Sem nenhuma garantia de vitória, a luta por um outro futuro só pode ser uma aposta da mesma natureza que aquela de Pascal, tal como descrita pelo marxista Lucien Goldmann em *Le Dieu caché*. Para Daniel Bensaïd, diferentemente do “leninismo apressado” ou do otimismo da direção da IV Internacional nos anos 70, o momento atual é, tal como no tempo de Benjamin, o da paciência ativa, ou da “lenta impaciência”. Mas, ainda aí, é impossível não apostar. Nós já embarcamos. É preciso lançar os dados.

Contra os determinismos defendidos em nome de Marx, Daniel Bensaïd se junta às preocupações dos “filósofos do acontecimento”, em que a ênfase sobre a ação que produz uma bifurcação histórica o ajuda a repensar a dialética do tempo. Por outro lado, destacando a “tensão” entre política e história, entre emergência do acontecimento e suas condições “objetivas” de possibilidade, Bensaïd se distancia das concepções “milagrosas” do acontecimento desvinculado da história, tal como aparece, por exemplo, em Alain Badiou. Para ele, segundo Bensaïd, o acontecimento está “desvinculado de suas condições históricas, puro diamante da verdade [...] como o encontro absolutamente aleatório do último Althusser, [e] se assemelha ao milagre” (Bensaïd, 2001b, p.160).

Para Bensaïd, dizer que “a política tem primazia diante da história”, como fazia Benjamin no *Livro das Passagens*, não quer dizer que a política, enquanto lugar de produção do acontecimento, se encontre dali em diante emancipada da história, que ela se produza a si mesma. Pelo contrário, a fórmula destaca a primazia do presente (enquanto tempo por excelência da política) na compreensão do passado e nas perspectivas do futuro, não para negar a “objetividade” da história, mas antes para lhe fornecer uma dimensão estratégica. É esta ligação entre presente e história, entre acontecimento e suas determinações, que faz cruelmente falta às reflexões de Alain Badiou e o impede de pensar a política concreta e suas questões centrais (a democracia, a representação, etc.). Segundo Bensaïd,

(...) é preciso se aventurar nas dobras e espessuras da história real, nas determinações históricas e sociais do acontecimento, [Badiou] recai em uma política imaginária, em levitação, reduzida a uma sucessão de acontecimentos incondicionais e de ‘sequências’ das quais não se sabe nem por que nem como elas se esgotam e acabam. A história e o acontecimento tornam-se

então milagrosos, no sentido em que Spinoza diz que um milagre é ‘um acontecimento do qual não se pode apontar a causa’ (Bensaïd, 2001b, p.154).

### **Entre a política e a história: Daniel Bensaïd e o futuro do marxismo**

Desde o fim dos anos 60, o marxismo era, em Bensaïd, uma “filosofia da práxis”, na medida em que a ação revolucionária – através da mediação fundamental do partido político – era o meio pelo qual se tornava possível “quebrar” (inclusive teoricamente) as estruturas coisificadas do sistema objetivo. Mas se esta primazia da ação era de início representada pela figura da consciência de classe portada pelo partido revolucionário – de onde a sua perspectiva “leninista-lukacsiana” –, a “descoberta” de Benjamin e a inspiração fundamental de um pensador como Gramsci levaram Bensaïd a conduzir uma reflexão filosófica bem mais ampla a respeito da especificidade da temporalidade política. Embora a crise revolucionária represente inicialmente uma oportunidade para o destacamento ativo do proletariado (o partido), a virada dos anos 90 substituiu esta primeira teorização por uma reflexão “filosófica” sobre as complexidades das relações entre a política, o acontecimento e a história, para além tanto dos determinismos de certos “marxistas” como dos elogios milagrosos do acontecimento incondicionado em Badiou. Mas, ao mesmo tempo:

(...) o partido permanece o vetor privilegiado desta experiência especificamente política. [...] É então o elemento de continuidade nas flutuações da consciência coletiva. A história não é a de uma marcha triunfal de alguma força tranquila na direção de um desenlace garantido da história, mas um tecido de lutas, de crises, de fraturas [...]. Ele é constitutivo de relações de força, gerador de iniciativas, organizador da política não no futuro simples, mas no condicional. Ele é, dito de outro modo, um organizador de diversas durações, a condição de um pensamento estratégico que supera o horizonte imediato da tática política do dia a dia, do passo a passo, rigorosamente sem princípios. (Bensaïd, 1997a, p.180, 181).

Com a derrota, Bensaïd recuou para retornar aos fundamentos do marxismo, não para revelar o “verdadeiro” Marx acima de suas deformações históricas e políticas do século XX, mas para oxigenar seu pensamento ao interrogá-lo à luz do presente. A política se torna, em Bensaïd, mais do que uma questão de ação imediata, um horizonte ao qual todo pensamento está direta ou indiretamente ligado. Sua contribuição filosófica é então a de uma “ontologia do presente”, mais benjaminiana do que foucaultiana, na qual a reflexão teórica é não a expressão imediata da política, mas o momento relativamente autônomo da consideração de uma realidade na qual a definição do sentido é também e inevitavelmente o resultado de uma relação de forças – em última instância – política.

Retomando a herança revolucionária não como um bloco monolítico, mas como uma ferramenta crítica para compreender os desafios do presente, Bensaïd contribuiu para estabelecer as bases de uma renovação, ou de uma atualização do marxismo (assim como da tradição política “trotskista”), uma tarefa cujo desenlace será a obra de novas gerações, à luz de lutas sociais e políticas por vir. Do passado ao presente, da filosofia à política, pode-se encontrar em Bensaïd uma espécie de “ponte” entre a tradição do marxismo “clássico” (Lênin, Trótski, Mandel...), do “marxismo ocidental” (Bloch, Benjamin, Lefebvre, Gramsci, Lukács...) e de um marxismo que poderia ser designado como “aberto” sobre as pesquisas contemporâneas em ciências sociais (sem falar das ciências “duras”) e sobre as novas conflitualidades políticas.

Através desta fidelidade herética ao marxismo e à perspectiva anticapitalista, contra um “inimigo que não cessou de vencer” (Benjamin, 2012, p.12), e sempre destacando a importância da autonomia relativa da reflexão teórica em relação à prática política, Bensaïd nos deixou um inventário fundamental para a renovação de um pensamento crítico e ativo no presente. Tal como o “espectro” do comunismo que assombrava a Europa no século XIX, Bensaïd se tornou, ele mesmo, um “espectro” da resistência ao ar do tempo. Sem jamais renunciar à esperança de um outro mundo possível (e de cada vez mais necessário), a despeito das dificuldades “objetivas” da época, Bensaïd nos mostrou que ainda é tempo de “acender pelo passado a chama da esperança”. Convencido – como Walter Benjamin – que os mortos (dos quais passou a fazer parte) não estarão em segurança enquanto o inimigo continuar a vencer. Depois de tudo, como escreveu Paul Valéry, “é de alguma forma o futuro do passado que está em questão”.

P.S.: Darren Roso agradece pelo apoio e pelos comentários a Julien Vachelard, Fama Niasse e Pascal Bartoli.

## Referências

ARTOUS, Antoine; BENSAÏD, Daniel. Que faire? (1903) et la création de la Ligue communiste (1969). *Critique communiste*, n. 6, 1976.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 7-20.

BENSAÏD, Daniel. *Espectáculo, fetichismo e ideologia*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2013.

\_\_\_\_\_. ‘Une introduction revisitée’. À propos de la question de l’organisation : Lénine et Rosa Luxemburg, 2008. In: *Europe Solidaire Sans Frontières*.



Disponível em <http://www.europe-solidaire.org/spip.php?article10230>. Acesso em 02 fev. 2020.

- \_\_\_\_\_. *Éloge de la politique profane*. Paris: Albin Michel, 2007.
- \_\_\_\_\_. Dialectique et révolution. In: *Dialectiques aujourd'hui*. Syllepse, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Fragments pour une politique de l'opprimé: événement et historicité*. ESSF, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Mémoire d'habilitation, une lente impatience. La politique, les résistances, l'événement*, 2001a. Disponível em [https://web.archive.org/web/20211017192918/https://danielbensaid.org/IMG/pdf/2001\\_01\\_00\\_db\\_393.pdf](https://web.archive.org/web/20211017192918/https://danielbensaid.org/IMG/pdf/2001_01_00_db_393.pdf). Acesso em 02 fev. 2020.
- \_\_\_\_\_. *Résistances, essai de taupologie générale*. Paris: Fayard, 2001b.
- \_\_\_\_\_. Lenin, ou a política do tempo partido. In: Bensaïd, Daniel; Löwy, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000. p. 177-191.
- \_\_\_\_\_. *Le pari mélancolique*. Paris: Fayard, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La Discordance des temps: essais sur les crises, les classes, l'histoire*. Paris: Éditions de la passion, 1995b.
- \_\_\_\_\_. *Walter Benjamin, sentinelle messianique*. Paris: Les Prairies ordinaires, 1990a.
- \_\_\_\_\_. À propos de Walter Benjamin, sentinelle messianique. Interview au 'Petit Périgord rouge', 1990b. Disponível em <https://web.archive.org/web/20180924104011/http://danielbensaid.org/A-propos-de-Walter-Benjamin-sentinelle-messianique>. Acesso em 02 fev. 2020.
- \_\_\_\_\_. Le passé, enjeu au présent. *Critique communiste*, n. 89, 1989.
- \_\_\_\_\_. Contribution à un débat nécessaire sur la situation politique et notre projet de construction du parti – bulletin intérieur de débat de la LCR, 1986. Disponível em <http://danielbensaid.org/Contribution-a-un-debat-necessaire>. Acesso em 02 fev. 2020.
- \_\_\_\_\_. *La Révolution et le pouvoir*. Paris: Penser, 1976.
- \_\_\_\_\_. *La notion de crise révolutionnaire chez Lénine*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Université de Nanterre (Paris X), 1968. Disponível em <https://web.archive.org/web/20181014174737/http://danielbensaid.org/La-notion-de-crise-revolutionnaire-chez-Lenine>. Acesso em 02 fev. 2020.

BENSAÏD, Daniel; KRIVINE, Alain. *Mai si ! 1968-1988, rebelles et repentis*. Paris: Éditions La Brèche, 1988.

BENSAÏD, Daniel; NAÏR, Sami. À propos de la question de l'organisation: Lénine et Rosa Luxemburg. *Partisans*, n.45, 1968/1969.

LÉNINE, Vladimir. *La faillite de la II Internationale*. *Kommunist*, 1915, p.1-2

LÖWY, Michael. Un communiste hérétique. In: SABADO, François (Org.). *Daniel Bensaïd, L'intempestif*. Paris: Éditions La Découverte, 2012, p.20-30.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *La Sainte Famille*, 1845. [*A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003].